

de Economia”, diz. E lista: além de Nordhaus, conheceu Merton Miller, Douglas North, James Tobin, Amartya Sen e Robert Schiller. Para uma jovem de pouco mais de 20 anos, era um sonho o que estava acontecendo. “A proximidade com esses gênios era tão normal, que, todas as quintas-feiras, um dos ganhadores do Nobel bancava o café e o lanche para professores e alunos que se reuniam para discutir artigos científicos que tinham preparado”, complementa.

O encanto de Sandra tinha razão de sobra: muitos dos professores laureados que ela conheceu e com os quais conviveu faziam a cabeça dos homens mais poderosos do mundo. Robert Schiller, por exemplo, foi o responsável pelos estudos que tratavam da **“exuberância irracional”** dos mercados financeiros do mundo e cuja expressão ganhou notoriedade ao sair da boca de Alan Greenspan, então presidente do Federal Reserve (Fed), o banco Central dos Estados Unidos. Ainda em Yale, a futura economista conheceu o professor Koichi Hamada, que foi consultor do governo japonês e idealizador do **Abenomics**, um conjunto de políticas econômicas que tinha como meta tirar o Japão de uma profunda recessão.

“O que vivi nesse período foi uma explosão de conhecimento, um privilégio para pouquíssimas pessoas”, enfatiza Sandra, que retornou ao Brasil “quebrada financeiramente”. Ela tinha na cabeça fazer seu mestrado, mas também precisava trabalhar — e no mercado financeiro. Não demorou para que o primeiro emprego em um banco aparecesse. E, com ele, coincidentemente, vieram as crises na Ásia, na Rússia e no Brasil, onde o Banco Central, em janeiro de 1999, foi obrigado a mudar a política cambial, adotando o regime de taxas flutuantes. “Essas experiências reafirmaram a minha convicção sobre com o que eu queria trabalhar”, frisa. A satisfação de fazer o que sonhava não a impediu de, mais à frente, pedir um afastamento para retornar aos EUA e fazer seu mestrado na Universidade de Yale.

As melhores oportunidades de conhecimento estavam à disposição da economista. “Não posso reclamar. Minha formação foi espetacular. E o mais interessante foi perceber que, nas universidades norte-americanas, não há um abismo entre professores e alunos, muito pelo contrário”, constata. Um ano e meio depois, Sandra retornou ao Brasil e o banco para o qual ela trabalhava já não existia mais, havia sido incorporado por outro, que, logo depois, foi comprado por um gigante do sistema financeiro nacional. “Pensei: estou desempregada. Mas os novos donos me convidaram para ficar”, conta. Passado um tempinho, foi para uma consultoria norte-americana, mas a relação não durou muito tempo.

Exageros do mercado

Quando se sentem confiantes demais, os investidores empurram os preços das ações para níveis insustentáveis, sem nenhuma base técnica. Esse movimento irracional começou a ganhar força na metade dos anos de 1990, o que resultou num alerta do então presidente do Banco Central dos Estados Unidos, Alan Greenspan. Mas de pouco adiantou. O resultado foi o estouro da bolha da internet no início dos anos 2000, deixando um rastro de prejuízos.

Divulgação



Economista sempre quis trabalhar no mercado financeiro, um reduto machista

Plano de resgate

O programa econômico que tinha como meta tirar o Japão de um longo período de recessão se baseava em três pilares: despejar dinheiro público na economia por meio do Banco Central, dar estímulos fiscais aos consumidores e às empresas e fazer reformas estruturais. Essas políticas foram adotadas a partir de 2012 pelo então primeiro-ministro Shinzo Abe, que foi assassinado em junho de 2022 quando participava de um comício político.

Arquivo Pessoal



Sandra Utsumi na festa de colação de grau na USP, na década de 1990

Vida pessoal

Em 2001, Portugal entrou no seu caminho. Sandra foi convidada para ser economista-chefe da unidade de um banco português no Brasil. Detalhe: aos 27 anos, era uma das três mulheres que exerciam essa função entre 100 instituições financeiras cadastradas no Banco Central brasileiro que tinham o cargo de economista-chefe. Seis anos depois, numa viagem ao país europeu, decidiu visitar a sede de seu empregador. E relatou o desejo de ampliar os horizontes profissionais. Pois o destino não lhe falhou. Não só conseguiu a transferência para Portugal, como ganhou nova função, a de estrategista-chefe, cujo desafio era desenvolver produtos que faziam sentido sob a ótica econômica. O sólido conhecimento que ela havia acumulado faria a diferença.

O banco português, porém, acabou sucumbindo a uma série de problemas, o que obrigou o governo de Portugal a assumir sua administração e a dividir os negócios. A parte em que a economista trabalhava foi arrematada pelo Haitong Bank. Olhando sua trajetória, Sandra se diz realizada. “Foram muitos os desafios. Mas a vida fica sem graça se não houver dificuldades no meio do caminho. São os percalços que nos fazem seguir em frente”, afirma. O fato de ser mulher e ter crescido tanto em um ambiente tão machista, como o sistema financeiro, a enche de orgulho. “O preconceito é latente. Eu particularmente, não tive problemas, mas sei de colegas que sofreram no mercado por questão de gênero”, assinala.

Para Sandra, boa parte da discriminação que as mulheres sofrem no mercado de trabalho poderia ser superada se o Brasil investisse mais em educação de qualidade. “Nos cursos de economia, por exemplo, menos de um terço é de mulheres, por isso, elas são minoria em cargos que exigem tal formação”, pontua. A agora executiva, que conviveu com tantos ganhadores do prêmio Nobel, lembra que, desde 1969, quando economistas passaram a ser laureados por suas pesquisas, somente duas mulheres foram condecoradas. É muito pouco. E levará tempo para mudar esse quadro.

Apesar das muitas barreiras, Sandra acredita que todo o esforço para se tornar um profissional de primeira, independentemente da carreira escolhida, vale a pena. Desde, é claro, que se possa equilibrar o trabalho com a vida pessoal. “Precisei amadurecer para entender isso.”